



HISTÓRIA DA MÍDIA: COMPARAR OU CONECTAR?

Media History: compare or connect

Recibido: 15-02-22

Aceptado: 26-05-22

Marialva Barbosa

UFRJ, Brasil

marialva153@gmail.com  0000-0001-8875-7128

Eduardo Gutiérrez

Universidad Pontificia Javeriana, Colombia

clasehistoria@gmail.com  0000-0002-8533-5680

RESUMO O artigo apresenta a proposta de estudar a história da mídia da perspectiva teórica e metodológica das histórias conectadas, sobretudo quando se trata da América Latina, espacialidade em que sobressai o encontro de vários universos e trânsitos culturais que se revelam em modos e práticas comunicacionais. Descreve ainda os caminhos que vêm sendo conduzidos pela Rede Latino-Americana de História da Mídia (Relahm), que reúne mais de 50 pesquisadores de diversos países da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE história conectada; história da mídia; América Latina; Relham.

RESUMEN El artículo presenta la propuesta de estudiar la historia de los medios de comunicación de la perspectiva teórica y metodológica de las historias conectadas, sobretudo cuando se trata de América Latina, espacialidad en que sobresale el encuentro de varios universos y tránsitos culturales que se revelan en modos y prácticas comunicacionales. Describe también los caminos que vienen siendo conducidos por la Red Latinoamericana de Historia de los Medios (Relahm), que reúne más de 50 investigadores de diversos países de América Latina.

PALABRAS CLAVE historia conectada; historia de los medios; América Latina; RELHAM.

ABSTRACT This article presents the idea of studying the communication history from the theoretical and methodological perspective of the connected stories, mainly when it comes to Latin America, spatiality in which the meeting of many universes and cultural transits that are reflected in communicational ways and practices stands out. Yet, it describes the ways that have been conducted by Latin American Network of Media History (Relahm), that gets together more than 50 investigators from many Latin American countries.

KEYWORDS connected stories; communication history; Latin America; Relham.

Como citar este artículo:

BARBOSA, M. Y GUTIÉRREZ, E. (2022): "História da mídia: comparar ou conectar?", en *Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, (18), pp. 126-141. <https://dx.doi.org/10.12795/RIHC.2022.i18.08>

Introdução

A história da comunicação pensada tanto na sua dimensão mais ampla quanto em suas especificidades, como história da mídia, história da imprensa ou mesmo de processos, por exemplo, como história do jornalismo, guarda peculiaridades no que se refere à forma como deve ser desenhada a pesquisa. Não se trata simplesmente de desvendar o que teria acontecido no passado do ponto de vista dos processos comunicacionais com base em rastros e restos que perduraram no tempo e que possibilitam um olhar interpretativo re-direcionado a tramas textuais e humanas localizadas em tempos pretéritos. Numa história da comunicação, deve ter primazia sempre o comunicacional, e é da centralidade das articulações comunicacionais que emergem processos localizados temporal ou espacialmente. Por outro lado, nessa difícil e complicada particularização do comunicacional histórico, há que se considerar ainda, por um lado, as possibilidades de como fazer história e, por outro, as especificidades de passados possíveis e peculiares em espaços construídos como territórios culturais¹.

Há uma extensa bibliografia sobre história da comunicação que pode, *grosso modo*, ser dividida em três paradigmas dominantes: o que privilegia as relações imprensa e política; o que constrói as histórias da comunicação numa perspectiva cultural; e, por último, o que tem como foco as transformações possibilitadas pelas tecnologias (Gutiérrez, 2021). E ainda que os estudos da área na América Latina tenham tido, nas últimas décadas, considerável avanço, as histórias da comunicação ou da mídia quando objetivam falar dessa espécie de história substantiva – a história da comunicação – se referem com centralidade a processos que são peculiares à Europa ocidental. O livro de Burke e Briggs (2004) é exemplar nesse sentido, mas diversos outros poderiam ser igualmente citados².

Algumas referências básicas são apontadas também por Gutiérrez (2013), que anota a publicação de trabalhos cujo foco recai sobre a dimensão tecnológica (Eisenstein, 1979), da informação (Gleick, 2011), das práticas (Cavallo; Chartier, 1997) e do poder (Burke, 1996), o que, segundo ele, “expõe a riqueza dos estudos em história da comunicação”. Além disso, demonstra o acúmulo de pesquisas nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em diversos outros países com o objetivo de “reconstruir as histórias nacionais dos meios”, diagnosticado pelo autor como “indicativo da expansão destas problemáticas e suas análises” (Gutiérrez, 2013: 5). Podemos acrescentar a esta lista diversos outros autores que são referências essenciais na história geral da comunicação, como Raymond Williams (1992); Crowley e Heyer (1991), Briggs y Burke (2004). Especificamente em relação à Espanha, não há como esquecer os trabalhos de

1. Essa discussão sobre as especificidades de uma história da comunicação envolvendo a relação comunicação e história tem sido objeto de diversos textos construídos numa espécie de verdadeira obsessão teórico-metodológica há várias décadas. Ver, entre outros, Barbosa (2007; 2013; 2019a; 2019b).

2. Como exemplo do paradigma político de obras de síntese que privilegiam os processos europeus, em sua quase totalidade, citamos, ainda Elizabeth Eisenstein (1979); em relação aos estudos que privilegiam as histórias culturais da comunicação, citamos Farge (1992; 2003), Mollier (2010), e a clássica obra de Raymond Williams (1992); já o paradigma tecnológico é dominante nas obras de Flichy (1993).

Alvarez e Aguilera (1985 e 1987), Borderia, Laguna e Martinez (1996), que abordam a evolução dos meios com um olhar global ao inserir a perspectiva comparada³.

Processo semelhante acontece também na América Latina. De um lado, surgiram nas últimas décadas em diversos países estudos históricos da comunicação e dos meios em tentativas de síntese; de outro, a expansão e complexidade das reflexões, ampliando o escopo de análise de forma a incluir uma visão crítica dos fenômenos que ultrapassam a questão midiática⁴. Diagnóstico similar é feito por Gutiérrez (2013), que aponta ainda a aproximação da dimensão histórica em muitos dos estudos de comunicação como decorrência da compreensão de fenômenos comunicacionais latino-americanos numa perspectiva mais ampla.

Entretanto ainda predomina um painel multifacetado de análises pontuais, estudos localizados, abordagens geograficamente circunscritas. Observa-se também a prática de se dividir a história da comunicação com base em objetos que são o foco da análise. Assim, a história da comunicação subdivide-se em muitas histórias: da imprensa, da fotografia, do cinema, do rádio, da televisão, das mídias digitais. Se por um lado essa subdivisão permite a complexidade das abordagens, por outro é urgente que se produzam obras de síntese. E, sobretudo, que haja uma dimensão de conexão mais ampla entre os estudos latino-americanos de história da comunicação e, mais particularmente, da história da mídia⁵.

Essa proliferação de pesquisas – muitas de caráter monográfico –, ao contrário de favorecer o conhecimento, produz uma espécie de esfacelamento das abordagens, sendo quase impossível conhecer o que está sendo produzido. Além disso, falta uma efetiva troca entre os pesquisadores, apesar do esforço continuado de muitos de maneira mais individual e das associações científicas de produzirem esse encontro⁶.

3. Não temos a pretensão de referir todos os autores, mas lembrar alguns na extensa lista possível e que se caracterizará, sempre, pela incompletude. Para um inventário dos estudos de História da Comunicação até o início dos anos 2000, cf. ainda Checa Godoy (2009) e, especificamente para estudos de história em jornalismo citamos as extensas pesquisas de Jorge Pedro Sousa (2021, 2020 e 2018) e Carla Baptista (2020; 2021), em Portugal, e os aportes teóricos de Mompert e Otto (1999) e Carmen Espejo (2015, 2013, 2012), entre outros.

4. Citamos Barbosa (2007; 2010; 2013), Barreto (2015), Beltran et al. (2008), Del Palacio (2006), Ferraretto (2007), Morrel (2016), Orozco Gómez (2002), Ossandón e Santa Cruz (2005), Ramos e Schwarzman (2018), Ribeiro (2004), Ribeiro (2010), Santa Cruz (2010; 2014), Sunkel (2016), Vanegas (2012), Xavier (2001), entre outros.

5. Há que se distinguir o movimento em torno da produção de histórias da comunicação e aquelas que se referem especificamente às histórias da mídia. A comunicação é um conceito amplo e, a princípio, sua história pode incluir todas as formas de interação social, englobando além das mudanças dos meios de comunicação uma gama de outras possibilidades (por exemplo, estudo das transformações dos sistemas orais) aproximando-se e quase se confundido com uma história da cultura (Williams, 1992). Já meios de comunicação são tecnologias que vêm se desenvolvendo e ganhando novos usos em contextos históricos determinados, estando associados a formas de vida e organizações sociais específicas. Assim, pode-se pensar a História da Mídia como parte de um campo de estudo mais amplo, o da História da Comunicação (Ribeiro e Herschmann, 2009).

6. Muitas foram e são as iniciativas para construir-se um diálogo mais permanente em relação aos estudos históricos comunicacionais na América Latina. Citamos, sob pena de não mencionar outras tantas iniciativas que desconhecemos, a fundação, em 1999, da Red de Historiadores de la Prensa em Iberoamerica, por Celia del Palacio e da qual foi presidente de 1999 a 2011 (<http://www.redestudiosprensa.mx/index.shtml>); a Red de Historia de Medios (Rehime), criada por Mirta Varela, da Universidad de Buenos Aires (<http://www.rehime.com.ar/>); o Grupo de Pesquisa Historia de la Comunicación, da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación; além também das discussões realizadas no âmbito da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. Há

Assim, torna-se urgente em primeiro lugar conectar, no sentido do senso comum, os estudos latino-americanos em torno da história da mídia. Em segundo lugar, definir – uma vez realizada a primeira ação – que história e que tipo de abordagem faremos em relação aos meios de comunicação nesse território visto na sua dimensão cultural denominada América Latina.

1. Conectando...

Esse movimento foi o que motivou a constituição da Rede Latino-Americana de História da Mídia (Relahm)⁷, criada e coordenada por Eduardo Gutiérrez (Universidad Javeriana, Colômbia), Ana Paula Goulart Ribeiro e por Marialva Barbosa (ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) e que reúne, até agora, meia centena de pesquisadores de diversos países da América Latina: Brasil, México, Argentina, Colômbia, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia.

Durante a constituição da rede, chegou-se a aventar a hipótese de fixar no seu título a filiação dos estudos à perspectiva teórico-metodológica da história conectada. Assim, inicialmente, a rede denominava-se História Conectada da Mídia na América Latina.

A intenção advinha da certeza de que, do ponto de vista teórico e metodológico – como será explicado no decorrer do artigo –, a abordagem da chamada história conectada era a mais adequada para o estudo histórico da mídia. Não apenas pela natureza do comunicacional, que se define por trocas, reciprocidades, amálgamas, hibridizações, misturas, como também pela característica dos processos comunicacionais envolvidos em dado entendimento de história.

O que estudamos quando olhamos o passado são sempre ações comunicacionais de homens e mulheres, que, juntos, construíram a vida em turbilhões de emoções, vivências, dissensos, espelhando, em comportamentos, medos e receios, alegrias e júbilos, na complexa ação de viver. Viver historicamente, pois só se vive na história. São os atos comunicacionais desses homens o que chegam até nós sob a forma de vestígios, por vezes ruínas, por vezes restos que revelam pegadas, algumas vezes profundas.

Há, portanto, mais relações entre comunicação e história do que podemos à primeira vista supor. Comunicação é história, assim como a história pode ser revelada pela duração que a comunicação enseja.

A comunicação, por outro lado, é muito mais do que meios e mediatização. A comunicação é a possibilidade, sempre histórica, de estabelecer vínculos, contatos, trocas, produzindo a

que se remarcar igualmente o importante trabalho que vem sendo feito, de maneira continuada, pela Asociación de Historiadores de la Comunicación (AsHisCom) para difundir os estudos realizados pela área (<https://www.as-hiscom.org/>), em diversos territórios, incluindo com destaque os realizados na América Latina.

7. Mais informações disponíveis em: <https://www.relahm.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

oportunidade de fazer emergir atos comuns, o comum humano de que fala Sodré (2014). É, portanto, a esse comum humano, à ação vinculativa humana que os estudos de comunicação devem, prioritariamente, se voltar. Logo, estudar os processos e práticas comunicacionais, perceber a comunicação como objeto de reflexão tem como pressuposto considerar a dimensão histórica como intrínseca à abordagem. Afinal, como entender, perscrutar, perceber, interpretar a dimensão do comum humano longe da história?

A característica presentista dominante nos estudos da comunicação, que faz dos processos contemporâneos uma espécie de tábula rasa das suas abordagens, não retira deles o olhar historicizante: considerar o contemporâneo, por exemplo, como um tempo em que o presente, o passado e o futuro se esfacelam ante as incertezas do mundo; e levar em conta o conceito de espaço não como lugar exterior, mas como ideias que falem das relações entre corpos. Não seria o caso de pensar o espaço como corpo de subjetividades – e não meramente de delimitação de fronteiras visíveis –, fazendo emergir a reunião de “múltiplos itinerários” e “a estratificação numa estrutura folheada que faz o passado assim acumulado escapar a simples cronologia” (Ricoeur, 2010: 354). O espaço como espacialidade, como algo vivo, porque vivido, em constante interpretação e mudança. O espaço não se refere a um ambiente cheio de corpos nem de camadas exteriores, mas sobretudo à relação entre corpos (Ricoeur, 2010).

Não podemos tampouco ignorar que vivemos num mundo em que as práticas históricas são governadas por ações em que a midiaticização ganha relevo na formação e conformação da própria existência humana, fazendo emergir uma nova forma de vida, denominada por Sodré (2014) de bios midiático. O mundo histórico é cada vez mais histórico-comunicacional. Paralelamente, novas categorias emergem como referências articuladoras do saber: fluxo, redes, interfaces conformam o que poderíamos denominar pensamento/práxis comunicacional contemporânea. A dimensão contemporânea da ação humana é comunicacional. Assim, os estudos de comunicação – focados no passado ou no presente ou no passado presente – são reflexões sobre um “sistema de inteligibilidade”, uma “hermenêutica da existência”, redescobrendo fenômenos que dizem respeito ao comum da humanidade (Sodré, 2014: 172). A comunicação consiste na “ciência do comum” (Sodré, 2014). Não seria assim quase natural para dar conta dos movimentos históricos dessa “filosofia pública”, que coloca em proeminência a interface de saberes, a crítica, as práticas socializantes da cultura, ao longo do tempo, adotar a perspectiva da conexão – afinal, a comunicação é antes de tudo conexão – para produzir interpretações históricas?

Num mundo de redes e conexões – produzidas por uma vivência comunicacional, por um mundo governado por nova forma de vida midiática (que se faz por aproximações, fluxos, trocas, interfaces) –, que olhar poderíamos direcionar ao passado quando sabemos que as interpretações, as revisões históricas produzem, sempre do presente, outras possibilidades de análise? No mundo do bios midiático, a conexão também deve ser presente como modelo de pensamento na história, sobretudo, quando se pretende realizar estudos sobre história da mídia. Além disso, se pensarmos o sujeito comunicacional como aquele que vive, apalpa, sente e experimenta (Sodré, 2006), podemos defini-lo como um ser que vive na história e se faz na história.

2. Conectar ou comparar?

Produto do seu tempo, como são as interpretações sempre produzidas, a discussão teórica e metodológica desenvolvida nos últimos 20 anos em torno das propostas das histórias comparadas, conectadas, cruzadas ou transnacionais foi ampliada pela diluição real/simbólica das fronteiras estabelecidas pelo Estado-nação moderno e, já no fim do século XX, pelo advento da ideologia da globalização, criando um mundo pretensamente sem fronteiras e hiperconectado.

Mais antigas como posição teórica e metodológica, as histórias comparadas antecederam, em muito, a ideia de história conectada, que só emergiria com intensidade no ambiente marcado pela chamada globalização, propiciando, a partir do fim do século XX, uma série de discussões sobre a construção do que se denominaria, daí em diante, de histórias conectadas, cruzadas ou transnacionais⁸.

Datado de 1928, o clássico artigo de Marc Bloch (1963) “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”⁹ realiza a defesa do método comparativo na história, que, segundo ele, deveria pressupor determinados procedimentos: em primeiro lugar se ocupar de fenômenos que, à primeira vista, deixam antever analogias entre eles; em segundo, perscrutar as semelhanças e diferenças, explicando a aproximação entre uns e outros; e, em terceiro, estudar de preferência sociedades vizinhas e contemporâneas, sociedades sincrônicas, sendo para isso fundamental a leitura das bibliografias nacionais, com base nas quais o historiador proporia novos problemas. É preciso lembrar que Bloch já havia utilizado o método comparativo no seu clássico *Les rois thaumaturges*, publicado em 1924.

Também Henri Pirenne, ainda que não tenha se dedicado a refletir teórica nem metodologicamente sobre o tema, abordou mais claramente a questão em, pelo menos, dois de seus textos: “De la méthode comparative en histoire” e “What are historians trying to do? (“O que os historiadores estão tentando fazer”, publicado em 1931, na revista *Le Flambeau*, sob o título “A tarefa do historiador”¹⁰). Mesmo refletindo esporadicamente sobre a questão, Pirenne não rompe com a história nacional (e sua obra de 34 volumes sobre a *Histoire de Belgique* mostra isso). Para ele, o método comparado era a forma mais objetiva de evidenciar o que

8. Para uma síntese das diferentes perspectivas de diversos teóricos que adotam uma ou outra abordagem, ver o editorial do dossiê de *Temporalidades*, ISSN 1984-6150, edição 21, v. 8, n. 2 (maio/agosto 2016) intitulado “Para além das fronteiras: histórias transnacionais, conectadas, cruzadas e comparadas”. Importante discussão sobre a temática também é feita por Maria Lígia Coelho Prado (2011-2012), no artigo “América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional”. Não é nossa intenção estabelecer as aproximações nem as diferenças entre essas perspectivas, mas apenas situar brevemente a questão para justificar a opção por uma história conectada da mídia na América Latina.

9. O clássico artigo de Marc Bloch, publicado originalmente na *Revue de Synthèse Historique*, 1928, reproduzindo conferência feita em agosto do mesmo ano, em Oslo, no Congrès International des Sciences Historiques, foi reunido na obra *Mélanges historiques* (tomo I), editada pela École Pratiques des Hautes Études, em 1963, sob a coordenação de Charles-Edmond Perrin. O texto em questão está na primeira parte do livro, denominada “L’Histoire et les Historiens”.

10. Com esse título, o texto foi traduzido e publicado na revista *Debate Econômico*, v.4, nº1, 2016, pp. 114-121.

seria singular a cada nação e o que é partilhado por outras. Cabe destacar, por último, que a comparação era um método extremamente utilizado pelas ciências sociais desde o fim do século XIX e início do XX (Silva e Torres, 2015: 297-307).

Para Pirenne, entretanto, o fato de os historiadores circunscreverem a investigação histórica nos limites de uma história nacional fazia com que ignorassem os laços que uniam cada história nacional à história de outras nações. Para evitar essas restrições, o caminho seria a história comparada, que poderia, segundo ele, “apreciar o justo valor e o grau preciso da verdade científica dos fatos estudados” (Pirenne, 2016b: 128). Seria uma história também mais humana, pois mostraria aos povos a “solidariedade de seus destinos” (Pirenne, 2016b: 128).

A ampliação das discussões metodológicas em torno das histórias conectadas foi, para muitos autores, inaugurada pelo pioneirismo de Serge Gruzinski, no artigo “Les mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres “connected histories”” (2001a), em que propõe uma visão mais ampla da história para além da nação, enfatizando o estabelecimento de conexões.

O artigo de Gruzinski (2001a) é repleto de exemplos singulares que mostram a riqueza metodológica das abordagens conectadas, já que permitem ver, ao mesmo tempo, a multiplicidade e as ligações entre si, possibilitando o acesso às comunicações intrínsecas de mundos e vidas. Por outro lado, a história comparada – criticada por ele – reforçaria a visão eurocêntrica e, por extensão, a adoção de perspectivas dualistas ao trabalhar, por exemplo, com questões latino-americanas: o Ocidente e os outros; os vencedores e os vencidos, em análises concebidas frequentemente da lógica da alteridade.

A perspectiva do autor adota os pressupostos críticos de Sanjay Subrahmanyam, quando este propõe a história conectada em detrimento de uma comparada, o que seria, segundo ele, capaz de promover o deslocamento da visão transnacional da história europeia sobre o mundo asiático, a ser entendido em suas conexões com a Europa e outras partes do mundo, sem que se estabeleçam subordinações (Subrahmanyam, 1997). As histórias são sempre múltiplas, plurais, estão conectadas entre si e podem se comunicar umas com as outras.

Nas suas reflexões Gruzinski (2001b) advoga, ainda, a adoção de um “pensamento mestiço”, em que o fenômeno da “mestiçagem” pressupõe grande número de variáveis que, muitas vezes, fogem à percepção dos historiadores, o que indica, ao mesmo tempo, a complexidade das possibilidades mestiças e a desconfiança em relação à temática. Preocupa-se também em definir o conceito, tarefa difícil na medida em que mestiçagem remete à ideia de “mistura” e “sincretismo”, termos carregados de conotações apriorísticas (Gil e Gruzinski, 2002: 550). Apesar dessas limitações, emprega “mestiçagem” para designar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos imaginários e formas de vida, vindos de quatro continentes, América, Europa, África e Ásia. Já “hibridação” se refere às misturas que se desenvolvem em uma mesma civilização ou conjunto histórico (Gruzinski, 2001b: 62).

Cabe ressaltar que os dois termos constituem o âmago da interpretação de Canclini (1997) em *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, ao analisar as paisagens

mestiças, repletas de hibridizações, próprias da América Latina. O ponto de vista de Gruzinski, segundo Prado (2011-2012: 17), se aproxima do de Michel Espagne e do seu conceito de “transferências culturais”, criado nos anos de 1980. Para Espagne (2013), devem-se buscar elementos que façam aparecer pontos de contato reais ou não formais entre sociedades distintas, em movimentos de circulação que pressupõem, sempre, ressemantização ou ressignificação.

Portanto, a espacialidade latino-americana, lugar do encontro de vários universos culturais, permite interpretar essas hibridizações na produção das técnicas, das artes, das leis e, sobretudo, nos trânsitos culturais que se revelam em modos e práticas comunicacionais. Assim, uma rede latino-americana que se propõe a estudar a história dos meios seria quase que naturalmente o lugar de produção de uma história conectada, revelando paisagens culturais mescladas, trânsitos múltiplos, imprevisibilidades, o que pertence a vários espaços culturais em simultaneidade ou com breves decalagens temporais.

Se considerarmos também que o que está em jogo na proposta da história enquanto olhar conectado é a valoração de mediadores culturais em paisagens culturais mescladas, imprevisíveis e que transitam entre os espaços, num jogo permanente de trocas, a adoção dessa perspectiva – cujos processos e trânsitos são a essência e a característica mais emblemática dos modos comunicacionais – parece ser, no mínimo, alentadora para estudos históricos midiáticos que conectam a América Latina e transitam nela.

Há ainda outras nominações e perspectivas de abordagem, como as chamadas histórias transnacionais e histórias cruzadas. A primeira – a história transnacional – emergiu em meados da década de 1990, quando um grupo de historiadores norte-americanos passou a “discutir um enfoque cujo objetivo seria romper com a ideia e os limites da nação como marco espacial em seus trabalhos” (Prado, 2011-2012: 18). Nesse sentido, a história transnacional pode emergir como história política, história cultural ou história intelectual, entre outras possibilidades, referindo-se, sobretudo, à maneira como se observam os objetos de pesquisa, exaltando as interconexões da história da humanidade sem fronteiras e enfatizando as redes, os processos, as crenças e as instituições transcendendo o espaço nacional (Prado, 2011-2012: 19). Preocupa-se com o entendimento dos movimentos e circulações, e não com as especificidades de processos históricos ocorridos em lugares específicos. Surgidas, principalmente, nos estudos migratórios, as histórias transnacionais procuram dar conta de intercâmbios realizados entre diferentes sociedades. “Pretende exaltar as interconexões da história da humanidade pensada sem fronteiras. Enfatiza as redes, os processos, as crenças e as instituições, transcendendo o espaço nacional” (Prado, 2011-2012: 19)¹¹.

Outra abordagem é a das histórias cruzadas, cujo foco consiste, como a denominação insinua, no cruzamento entre os objetos de estudo e também entre as escalas, as categorias, os pontos de vista, incluindo o do próprio pesquisador, pressupondo o cruzamento como ação voluntária intelectual, enfatizando aquilo que pode ser gerador de sentido. Nas abordagens o

11. Cf. também Lowande (2018).

convite explícito é que também o pesquisador considere sua própria implicação no processo estudado. A atenção dada à pluralidade de pontos de vista, aos distanciamentos produzidos pelos idiomas, terminologias, categorizações e conceitualizações, tradições e usos disciplinares, acrescenta a dimensão suplementar da imaginação e do envolvimento do pesquisador, completando a rede de cruzamentos possíveis, insistindo sempre no movimento autorreflexivo como gerador de sentidos (Werner e Zimmermann, 2003: 115).

O pesquisador argentino Ariel Sar (2019) enfatiza que a mudança fundamental nos métodos da história ao adotar a perspectiva da história conectada “é o abandono do Estado-nação e do Estado mesmo como unidades de análise”, de forma a dar conta das sociedades complexas atuais. Assim, amplia-se “a perspectiva de análise com a busca de outras referências sociais e culturais que podem dar conta de outros ‘mundos’ que o olhar eurocêntrico havia omitido” (Sar, 2019: 5). Ressalta também, além disso, o desejo de construir histórias, revelando práticas e produções sociais e culturais que interagiam com as europeias, mas em novas perspectivas.

Distinguindo a proposta das histórias conectadas da categoria história global, Roger Chartier (2018) salienta o diferencial da conexão: “Uma análise particular, metódica, específica, de formas de conexão, que suporia um espaço de conexão, mas um espaço libertado do Estado-nação, porque esse espaço pode ser entre culturas, civilizações, economias” (Chartier, 2018: 307). Destaca ainda a necessidade de uma aproximação pelo conhecimento das línguas, dos arquivos e que resultaria numa produção historiográfica que teria as mesmas exigências de cientificidade da monografia histórica.

Na mesma entrevista, alerta para os perigos da chamada história global, ao contrário da proposta das conexões, já que no primeiro caso se apagariam os diferentes espaços de conexão, conduzindo os “historiadores a uma impossibilidade ou ao abandono dos critérios de pesquisa rigorosos que se haviam construído particularmente quando era o momento das monografias, do conhecimento dos arquivos, do conhecimento das línguas” (Chartier, 2018: 307). A história na perspectiva do globalismo se tornaria “mais superficial, porque não pode se referir diretamente às fontes primárias”. E decreta: “Parece-me que há, aqui, uma necessidade de Império” (Chartier, 2018: 307).

3. Mas como conectar a história da comunicação?

Até aqui discutimos e apontamos algumas razões para considerarmos a adoção da perspectiva da história conectada nos estudos de mídia, sobretudo no que diz respeito à América Latina. A pergunta que emerge nesta parte final diz respeito a como conectar essa história? Que surpresas essas conexões podem revelar? E, de maneira especial, conectar significa definitivamente não comparar?

A primeira dificuldade na produção dessa história é o desconhecimento dos pontos de conexão. Desconhecemos na maioria das vezes os territórios onde nos movemos quando estes

se estendem para além das fronteiras tradicionais do nacional. Conhecemos a história da mídia nos territórios circunscritos a espaços na maioria das vezes locais. Privilegiamos as singularidades e as particularidades e, raramente, produzimos sínteses de natureza mais holística. Ademais, os territórios contíguos figuram, na maioria das vezes, um silêncio que ensurdece o conhecimento.

Se o domínio da linguagem – próxima e conhecida – se torna facilitador como ponto de partida, o desconhecimento de maneira mais aprofundada dos contextos históricos dos que estão irmanados, mas continuam muitas vezes sendo vistos como o Outro, dificulta as abordagens. A solução que torna possível a transferência de conhecimento, o aprofundamento das questões, a construção de outros olhares e de outras perguntas de pesquisa é a colaboração: devemos nos despir da individualidade como pesquisador e construir pesquisas colaborativas em rede, que ampliam os espaços considerados nos particularismos encravados em visões históricas que produzem afastamentos e fronteiras em que, a princípio, só existem humanidades.

Entretanto estamos falando de uma história – a dos meios – que possui especificidades. Trata-se de perceber o contexto em temporalidades que se conectam e se distanciam em lugares e mundos pouco conhecidos. Mas essa história, muitas vezes dependente de uma linearidade absoluta, já foi contada: em obras de síntese, porém na maioria das vezes em pedaços esparsos que precisam ser organizados, para fornecer mapas de um mundo comunicacional característico em cada momento da história. Um mundo comunicacional em trânsitos múltiplos produzindo transformações, hibridizações, sistemas de inteligibilidade que revelam modos de estar no mundo, de perceber o entorno, de construir ideias duradouras ou passageiras. Artefatos que modificavam a forma como se estabeleciam as relações ou se percebia o outro por intermédio de miríades tecnológicas; em possibilidades as mais diversas, avançando no mundo da vida.

Assim, mais uma vez, torna-se necessário conhecer essas histórias particulares e peculiares – a dos processos midiáticos –, condensadas em linhas artificialmente temporais que vão se sucedendo, produzindo um mapa cronológico de transformações de cada território específico, ainda considerando nesse momento suas fronteiras como Estados nacionais. Esse movimento inicial é fundamental para o processo comunicacional – peculiar aos diferentes meios – a ser escolhido. Toma-se como perspectiva inflexiva a não escolha *a priori* do processo midiático como objeto comum a ser refletido, analisado e interpretado, mas que vai emergir dos primeiros movimentos da pesquisa.

A solução inicialmente encontrada, no caso da Relahm, foi produzir linhas do tempo de uma história midiática dos lugares da América Latina, e a partir daí seguiríamos as pistas para desbravar conexões que estariam escondidas ou encobertas por olhares que sempre privilegiaram processos particularistas. Houve também a necessidade de demarcação de um período: cem anos, das últimas décadas do século XIX até a segunda metade do século XX, recortadas de 1880 até 1980. A trama temporal torna-se fundamental como operador metodológico para permitir a pesquisa, ainda mais se considerarmos que nesse período, do ponto de vista de uma história dos meios, eclodiram transformações que foram midiaticizando, em cascatas produzidas pelas possibilidades tecnológicas, a vida nesses espaços culturais.

Foi, portanto, uma opção não definir como um *a priori* a perspectiva metodológica a ser adotada. Assim, a proposta de uma história conectada da mídia na América Latina não supõe a escolha prévia de como será operacionalizada: se a conexão se dará a partir da delimitação das territorialidades (nacionais, regionais, locais); ou de uma cronologia pré-definida; ou a partir de tipologias midiáticas. Para fins operacionais, consideramos apenas do marco tempo alargado – 1880 a 1980 – e as aproximações entre pesquisadores a partir da tipologia da mídia a ser estudada (impressos, rádio, cinema e televisão), como já destacamos anteriormente.

Serão as linhas do tempo, possibilidade metodológica capaz de identificar os pontos de desestabilização do instituído e do engessamento de formas, como constelações que se formam, o ponto de partida para desvendamento das possibilidades de conexão. Consideradas como uma espécie de viagem a territorialidades possíveis e como possibilidade de demarcar experiência temporais mais complexas, já que se constitui como modelo de pensamento que pretende representar o tempo (Rosenberg e Grafton, 2010), as linhas do tempo desnudam territórios de existência, o dentro e o fora, as dobras, deixando aflorar o aparentemente encoberto (Rolnik, 1997).

Podemos dar como exemplo das possibilidades de uma história conectada da mídia na América Latina o estudo desenvolvido por Gutiérrez (2019) sobre as primeiras gravações realizadas em disco, em 1913, simultaneamente em Bogotá, na Colômbia, em Lima, no Peru, e em Buenos Aires, na Argentina. Evidentemente, a apresentação de um único exemplo não configura uma tendência, nem oferece a possibilidade de mostrar os caminhos possíveis do ponto de vista metodológico e conceitual em torno das histórias conectadas.

Há que se remarcar também que diversos trabalhos, que adotam explicitamente a perspectiva comparada, já produziram análises capazes de fornecer pistas metodológicas para a abordagem conectada. Portanto, não é nossa pretensão produzir um aporte absolutamente inovador (até porque consideramos que o conhecimento científico é dependente de uma plêiade de diálogos, sendo sempre provisório e, sobretudo, colaborativo). Apenas a título de ilustração podemos citar ainda como possibilidade teórica-metodológica de um olhar que se prefigura como conectado, as pesquisas de Antônio Laguna Platero sobre o surgimento simultâneo de dispositivos publicitários na América Latina no começo do século XX (2018) ou as reflexões de Lila Caimari (2019), em torno das redes de cartas e telegramas na Argentina no final do século XIX.

No caso que estamos utilizando (Gutiérrez, 2019), para exemplificar brevemente como podemos fazer emergir a perspectiva comparada como forma-conteúdo, são emissões que sobreviveram e que circulavam graças aos fluxos de um mercado sonoro que se ampliava, da RCA Víctor norte-americana para diversos territórios latino-americanos. Fazem parte de uma paisagem sonora transnacional que produziu sentidos e reconfigurações dos modos de ouvir e perceber o mundo, que passou a ser mediado por sonoridades formuladas por aparelhos que se antepunham ao ouvido humano. Sons repletos de ruídos estranhos, mas ao mesmo tempo que tornavam possível o audível em ausência, e não mais apenas em presença. Que sensações esses sons produziram? Podemos falar de uma paisagem/percepção sonora latino-americana ante tais emissões? O que permitiu essa conexão comunicacional? Que transformações essas emissões produziram?

Estudar, portanto, as conexões de uma história dos meios permite compreender as fronteiras que foram figuradas entre as nações. Desenrolar o manto de encobrimento artificialmente construído que afasta, quando deveria tornar próxima, por estar no centro da reflexão histórica, a percepção de partilhas de experiências comuns é, portanto, o mais importante passo a ser dado. Assim, pensar a história dos meios na América Latina é “buscar novas possibilidades, de forma a superar e compreender a figuração das fronteiras construídas entre nações, entre meios e mudanças tecnológicas, entre formas, práticas e processos de comunicação” (Gutiérrez, 2013: 9). Esses processos, por vezes vistos como particulares e esparsos, sugerem, como enfatiza Gutiérrez (2019: 3501), “a necessidade do desenvolvimento de histórias conectadas na América Latina, em que os processos comunicativos, culturais e a expansão dos meios viveram formas de colonização similares e estendidas na região e que às vezes resulta em pouco viáveis de serem estudadas a partir das fronteiras nacionais”.

Esses são apenas os passos iniciais de uma pesquisa que resulta das possibilidades históricas, mas também do sonho de construir uma história da comunicação governada não pelas artificialidades contextuais, mas pela centralidade dos territórios comunicacionais, que é pressuposto fundamental da análise. Uma história que, pela colaboração, pela partilha, estabeleça fluxos de comunicação que unam o diferente, que permitam a igualdade do desigual, irmanados na crença comum de que fazer história é falar de vida, mesmo que para isso seja necessária uma conversa permanente com os mortos.

4. Considerações finais

Uma história conectada dos meios na América Latina permitiria, enfim, abandonar os localismos, os estudos centrados nos particularismos e caminhar em direção às generalizações, governadas por novos olhares, novas abordagens, novas perspectivas de ver a humanidade em aproximações, e não em distanciamentos. Olhar o passado pela perspectiva da conexão talvez também forneça chaves importantes para a compreensão do mundo em que vivemos, em que a própria força motriz humana e a sua sobrevivência dependem cada vez mais da percepção do ser em comum. Destruir o próprio mundo significa desconectar-se da vida, do outro e da possibilidade da humanidade, e é necessário urgentemente reverter esse quadro, sob pena de se perder a essência histórica que nos revela como seres no tempo e no espaço.

Produzir uma história conectada dos meios de comunicação, ante a história, pode ser considerado um particularismo, mas produzir uma história conectada dos meios de comunicação pode, sobretudo, permitir a compreensão do território como um *locus* de tradições compartilhadas, deixando ver pontos de articulação e compreensões que as fronteiras de uma história nacional ou a segmentação de uma história que considere apenas a especificidade dos meios não permitem produzir.

De alguma forma, isso significa transitar num deslocamento epistemológico que se afaste da predeterminação da unidade de observação, que tem sido até agora privilegiada na

abordagem que coloca em evidência a Nação ou o meio, e passe a se ocupar, de modo central, dos processos, das práticas e dos fluxos que dão forma aos sentidos e aos acontecimentos. Podemos dizer que efetivamente nos movemos diante da emergência do comum em suas diversas configurações e passamos de uma epistemologia que privilegia um único e “estável” para um pensar em movimento e sobre o movimento. Nesse sentido, a ideia de conexão não se refere a um estado, mas, antes de tudo, seguir trajetórias para encontrar articulações e fluxos.

Supõe-se, portanto, uma maneira diferente de trabalhar em que as metodologias também sofrem mutações. Os dados são explorados menos como descobertas ou achados e mais como algo que permite interrogar sobre seus vínculos, como registro da rede das quais fazem parte, e, nessa perspectiva, o que se observa só se compreende se for reconhecido em relação, assim como as linhas do tempo, ferramenta escolhida para construir diálogos na Re-lahm, sugerem uma leitura com base nas assincronias, simultaneidades e pluralidades do temporal. Essa perspectiva obriga igualmente o deslocamento de um olhar centrado em uma temporalidade unificadora e linear para a convivência de múltiplas temporalidades, criticando, de fato, as linhas “naturais” do chamado progresso. Esse é também o caminho para restituir polifonicamente uma versão da história na qual a conexão é, ao mesmo tempo, registro da crítica à univocidade e proposta de questionamentos sobre os poderes subjacentes às narrativas dominantes.

O olhar conectado obriga a que se produzam interpretações, com base em rastros e pistas, possibilitando a leitura e a compreensão da circulação de sentidos, das tênues tramas de uma cultura tecida de trocas constantes, de significados encobertos em camadas de diferenças permanentemente reatualizadas. Significações plurais podem emergir desse movimento, que quer tão somente produzir uma nova interpretação sobre a densa paisagem comunicacional humana. Talvez dos processos comunicacionais, fabricados na emergência de um comum, façam surgir a América Latina e outros mundos como territórios abertos de práticas e processos que deixem visíveis vínculos mais profundos.

Referências

ÁLVAREZ, J. T. (1985). *Del viejo orden informativo. Introducción a la historia de la comunicación, la información y la propaganda en Occidente, desde sus orígenes hasta 1880*, Madrid, Universidad Complutense.

— (1987). *Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX. El nuevo orden informativo*, Barcelona, Ariel Comunicación.

BAPTISTA, C.; SOUSA, J. P e AZEVEDO, C. (2020). *Para uma história do jornalismo em Portugal III*, Lisboa, ICNOVA.

— (2021). *Por uma história do jornalismo em Portugal II*, Lisboa, ICNOVA.

BARBOSA, M. (2007). *História cultural da imprensa – Brasil (1900-2000)*, Rio de Janeiro, Mauad.

- (2010): *História cultural da imprensa – Brasil (1800-1900)*, Rio de Janeiro, Mauad.
- BARBOSA, M. (2013): *História da comunicação no Brasil*, Rio de Janeiro, Vozes.
- (2019a): “Comunicação, história e memória” en *Matrizes*, v.13, 2019, pp.13-25.
- (2019b): “Uma história da comunicação (e do jornalismo): pressupostos teóricos e metodológicos” en *Palavra Clave*, v.22, 2019b, pp. 1-24.
- BARRETO, J. C. G. (2015): *Televisión y Estado en Colombia 1954-2014. Cuatro momentos de intervención del Estado*, Bogotá, Universidad Externado de Colombia.
- BELTRAN, L. R. et al. (2008): “Tipos y formas de la comunicación en la Mesoamérica Prehispánica” en BELTRAN, L. R. (editor), *La comunicación antes de Colón*, La Paz, Cibec.
- BLOCH, M. (1963): “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”, en BLOCH, M. (editor), *Mélanges historiques*, Paris, S.E.V.P.E.N, pp. 16-40. v. 1.
- BORDERÍA, E; LAGUNA, A. y MARTÍNEZ, F.A. (1996) *Historia de la comunicación social. Voces, registros y conciencias*, Madrid, Síntesis.
- BURKE, P. (1996): *Hablar y callar: funciones sociales del lenguaje a través de la historia*, Barcelona, Gedisa.
- BURKE, P.; BRIGGS, A. (2004): *História social da mídia: de Gutenberg à internet*, Rio de Janeiro, Zahar.
- CAIMARI, Lila. “Derrotar la distancia. Articulación al mundo y políticas de la conexión en la Argentina, 1870-1910” en *Estudios Sociales del Estado*, vol. 5, n. 10, 2º semestre 2019, pp. 128-167.
- CANCLINI, N. G. (1997): *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, Edusp.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (1997): *Historia de la lectura en el mundo occidental*, Madrid, Taurus.
- CHARTIER, R. (2018): “Inquietudes teóricas e desafios contemporâneos: entrevista com Roger Chartier”. Entrevista realizada por Ana Maria Veiga e Guilherme Queiroz de Souza en *Saeculum*, nº38, 2018, pp. 297-307.
- CHECA GODOY, A (2008). *Historia de la Comunicación: de la crónica a la disciplina científica*, La Coruña, Netbiblo, S. L.
- CROWLEY, D.; HEYER, P. (1991). *Communication in History. Technology, Culture, Society*, Nueva York; Londres, Longman.
- DEL PALACIO, C. (Coord.). (2006): *Siete regiones de la prensa en México*, México, Miguel Ángel Porrúa-Universidad de Guadalajara-Conacyt.
- EISENSTEIN, E. (1979): *The printing press as an agent of change*, Nova York, Cambridge University Press.
- ESPAGNE, M. (2013): “La notion de transfert culturel” en *Revue Sciences/Lettres*, nº1, 2013, pp. 1-9.
- ESPEJO, C. (2012) “Un marco de interpretación para el periodismo europeo en la primera Edad Moderna” en ESPEJO, C.; CHARTIER, R. (eds). *La aparición del periodismo em Europa. Comunicación y propaganda en el Barroco*, Madrid, Marcial Pons Ediciones, pp. 103-126.
- (2013) “Gacetas y relaciones de sucesos en la segunda mitad del XVII: una comparativa europea” en GARCIA, P. M.C.; TENA, M. E. D. (eds), *Géneros editoriales y relaciones de sucesos en la Edad Moderna*, Salamanca, SEMYR/Universidad de Salamanca, pp. 71-88.

- ESPEJO, C.; BAENA, F. (2015). “Los orígenes del periodismo en España: una revisión metodológica” en LÓPEZ, J. G.; BOADAS, S. (eds). *Las relaciones de sucesos en los cambios políticos y sociales de la Europa Moderna*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, pp. 29-40.
- FARGE, A. (1992): *Dire et mal dire: l'opinion publique au XVIIIe siècle*, Paris, Seuil.
- (2003): *Le bractel de parchemin: l'écrit sur soi au XVIIIe siècle*, Paris, Bayard.
- FERRARETTO, L. A. (2007): *Rádio: o veículo, a história e a técnica*, Porto Alegre, Doravante.
- FLICHY, P. (1993) *Una historia de la comunicación moderna: espacio público y vida privada*, México, Gustavo Gili. GIL, A. C. A.;
- GRUZINSKI, S. (2002): “O pensamento mestiço” en *Revista Brasileira de História*, v.22, nº44, 2002, pp. 549-553.
- GLEICK, J. (2011): *The information: a history, a theory, a flood*, Nova York, Pantheon Books.
- GRUZINSKI, S. (2001a): “Les mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres “connected histories”” en *Annales Histoire, Sciences Sociales*, ano 56, nº1, 2001, pp. 85-117.
- (2001b): *O pensamento mestiço*, São Paulo, Companhia das Letras.
- GUTIÉRREZ, E. (2013): “¿Hay conexión? Historias conectadas en la comunicación iberoamericana del siglo XX” en *Chasqui*, nº121, 2013, pp. 4-9.
- (2019): “Travesía sonora. Buenos Aires, Lima, Bogotá en el registro de la RCA Víctor. 1913”, en LOPES, M. I. V. et al, *XVI Congresso Ibercom 2019: comunicação, violências e transições*, São Paulo, Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação, Pontificia Universidad Javeriana, pp. 3488-3502.
- (2021): “Cuatro formas de historia de la comunicación” en *Signo Y Pensamiento*, v.25, nº48, 2021, pp. 9-21.
- LAGUNA, A. L (2018). *Salud, sexo y electricidad. Los inicios de la publicidad de masas*, Cuenca, Ediciones de la Universidad de Castilla – La Mancha y Editorial de la Unviersidad de Cantabria.
- LOWANDE, W. F. F. (2018): “A história transnacional e a superação da metanarrativa da modernização” em *Rth*, v.20, nº2, 2018, pp. 219-245.
- MOLLIER, J.-Y. (2010): *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*, São Paulo, USP.
- MOMPART, J. L. G e OTTO, E. M. (1999). *Historia del periodismo universal*, Madrid, Editorial Síntesis, S. A.
- MOREL, M. (2016): *As transformações no espaço público: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*, Rio de Janeiro, Paco Editorial.
- OROZCO GÓMEZ, G. (Coord.). (2002): *Historias de la televisión en América Latina*, Barcelona, Editorial Gedisa.
- OSSANDÓN, C.; SANTA CRUZ, E. (2005): *El estallido de las formas: los albores de la cultura de masas en Chile*, Chile, Universidad Chile.
- PIRENNE, H. (2016a): “A tarefa do historiador” en *Debate Econômico*, v.4, nº1, 2016, pp. 114-121.
- (2016b): “O método comparativo em história, discurso de abertura do quinto Congresso Internacional de Ciências históricas” en *Debate Econômico*, v.4, nº2, 2016, pp. 120-128.
- PRADO, M. L. C. (2011-2012): “América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional” en *Revista Digital*, nº3, 2011-2012, pp. 10-22.

- RAMOS, F.; SCHVARZMAN, S. (editores). (2018): *Nova história do cinema brasileiro*, São Paulo, Sesc São Paulo. 2 v.
- RIBEIRO, A. P. G. (2010): *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*, Rio de Janeiro, E-papers.
- RIBEIRO, A.P. G. e HERCHSMAN, M. (2009). “História da Comunicação no Brasil: um campo em construção” en RIBEIRO, A.P. G. e HERCHSMAN, M (eds). *Comunicação e História. Interfaces e novas abordagens*, Rio de Janeiro, Editora MauadX, pp. 13-26
- RIBEIRO, L. M. (2004): *Imprensa e espaço público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)*, Rio de Janeiro, E-papers.
- RICOEUR, P. (2010): *A história, a memória e o esquecimento*, Campinas, Unicamp.
- ROLNIK, S (1997). Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura en LINS, D. (editor). *Cultura e subjetividade. Saberes nômades*, São Paulo, Papirus, pp. 25-34.
- ROSENBERG, Daniel; GRAFTON, Anthony (2010). *Cartographies of time: a history of the timeline*, Princeton Architectural Press, London.
- SANTA CRUZ, E. (2010): *La prensa chilena en el siglo XIX: patricios, letrados, burgueses y plebeyos*, Chile, Universidad Chile.
- (2014): *Prensa y sociedad en Chile, siglo XX*, Santiago, Editorial Universitária. SAR, A. (2019): “Historias conectadas: ¿Una nueva historiografía en comunicación?” en *Actas de Periodismo y Comunicación*, v.5, nº3, 2019.
- SILVA, A. C. L. F.; TORRES, A. R. F. (2015): “Do método comparativo em história, de Henri Pirenne” en *História da Historiografia*, nº17, 2015, pp. 297-307.
- SODRÉ, M. (2002): *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, Petrópolis, Vozes.
- (2006): *Antropológica do espelho*, Petrópolis, Vozes.
- (2014): *A ciência do comum*, Petrópolis, Vozes.
- SOUSA, J. P. (2020). *Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal*. Das origens a 1926, Lisboa, ICNOVA.
- (2018). *Notícias em Portugal – Estudos sobre a imprensa informativa (séculos XVI-XX)*, Lisboa, ICNOVA.
- (2021) (org.). *Pequena história de um grande jornalismo I: da manufatura à indústria*, Lisboa, ICNOVA.
- SUBRAHMANYAM, S. (1997): “Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia”, en LIEBERMAN, V. (editor), *Beyond binary histories: re-imagining Eurasia to c. 1830*, An Arbor, University Michigan Press.
- SUNKEL, G. (2016): *Razón y pasión en la prensa popular*, Santiago do Chile, Ediciones y Publicaciones el buen Aire S.A.
- VANEGAS, J. E. S. (2012): *Historias al aire*, Bogotá, Ediciones B.
- WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. (2003): “Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade” en *Textos de História*, v.11, nº1-2, 2003.
- WILLIAMS, R (1992). *Historia de la comunicación*. 2 vols, Barcelona, Bosch.
- XAVIER, I. (2001): *O cinema brasileiro moderno*, São Paulo, Paz e Terra.